

## Mudança no padrão de recuperação do emprego após a última recessão e sua relação com a produtividade do trabalho.

Fernando Veloso, Sílvia Matos e Paulo Peruchetti

O IBRE elegeu a produtividade como uma das preocupações centrais de sua missão institucional de contribuir para o debate sobre o desenvolvimento econômico do país. Diante da relevância do tema, o IBRE lançou recentemente o site **Observatório da Produtividade**, que reúne uma ampla base de dados sobre produtividade da economia brasileira, além de estudos e análises, a fim de fornecer informações para uma maior compreensão do tema e contribuir para a formulação de políticas públicas que possam aumentar a produtividade e impulsionar o crescimento econômico.<sup>1</sup>

Uma das motivações para o aprofundamento de estudos relacionados ao tema é a perda de dinamismo recente da produtividade do trabalho, explicada, em parte, pelo forte avanço da informalidade observado nos últimos anos, principalmente após a última recessão pela qual o Brasil passou, uma das mais longas e profundas da história do país.

Diante disso, o objetivo deste texto é discutir as diferenças entre o desempenho da produtividade do trabalho após esta última recessão, que durou do 2º trimestre de 2014 ao 4º trimestre de 2016, em comparação com a recuperação das demais recessões desde a década de 1980, bem como a mudança no padrão de recuperação do emprego.<sup>2</sup>

A Tabela 1 apresenta a datação dos períodos de recessão e expansão desde meados da década de 1980, bem como suas durações, elaborada pelo Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE).

**Tabela 1: Cronologia trimestral dos períodos de recessão e expansão**

Recessões		Expansões	
Período	Duração em trimestres	Período	Duração em trimestres
Do 1º trimestre de 1981 ao 1º trimestre de 1983	9	Do 2º trimestre de 1983 ao 2º trimestre de 1987	17
Do 3º trimestre de 1987 ao 4º trimestre de 1988	6	Do 1º trimestre de 1989 ao 2º trimestre de 1989	2
Do 3º trimestre de 1989 ao 1º trimestre de 1992	11	Do 2º trimestre de 1992 ao 1º trimestre de 1995	12

<sup>1</sup>O site, disponível no endereço <https://ibre.fgv.br/observatorio-produtividade>, foi lançado no dia 4 de dezembro de 2019 no I **Seminário de Produtividade e Reformas**.

<sup>2</sup>Ao invés de utilizarmos o conceito de produtividade por hora trabalhada, cuja série setorial e agregada tem sido regularmente divulgada no site **Observatório da Produtividade**, iremos utilizar, neste texto, a medida de produtividade por pessoal ocupado, para que haja compatibilidade com a análise de informalidade, que considera a proporção de pessoas ocupadas em atividades informais em relação ao total de pessoas ocupadas no país.

Do 2º trimestre de 1995 ao 3º trimestre de 1995	2	Do 4º trimestre de 1995 ao 4º trimestre de 1997	9
Do 1º trimestre de 1998 ao 1º trimestre de 1999	5	Do 2º trimestre de 1999 ao 1º trimestre de 2001	8
Do 2º trimestre de 2001 ao 4º trimestre de 2001	3	Do 1º trimestre de 2002 ao 4º trimestre de 2002	4
Do 1º trimestre de 2003 ao 2º trimestre de 2003	2	Do 3º trimestre de 2003 ao 3º trimestre de 2008	21
Do 4º trimestre de 2008 ao 1º trimestre de 2009	2	Do 2º trimestre de 2009 ao 1º trimestre de 2014	20
Do 2º trimestre de 2014 ao 4º trimestre de 2016	11	Do 1º trimestre de 2017 ao 4º trimestre de 2019	12

Fonte: Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE)

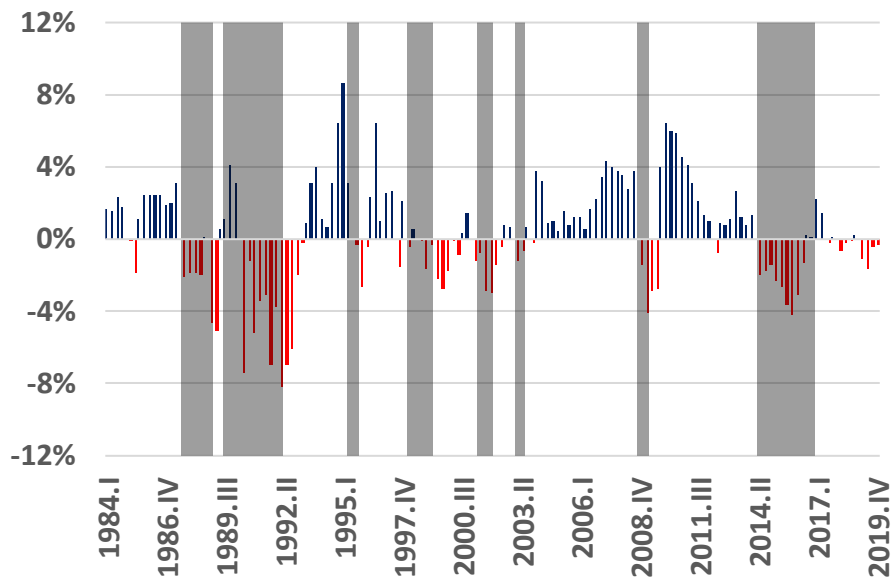
A Tabela 1 mostra que a última recessão foi uma das mais longas pelas quais o país já passou. A perda acumulada do PIB entre o segundo trimestre de 2014 e o quarto trimestre de 2016 foi de 8,1%, um pouco maior do que a perda acumulada do Valor Adicionado (-7,4%), que exclui os impostos (líquidos de subsídios) sobre produtos, e que é a variável usada para o cálculo da medida de produtividade do trabalho que será apresentada adiante.<sup>3</sup>

O Gráfico 1 mostra o comportamento da taxa de crescimento da produtividade por pessoal ocupado, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, nos períodos de recessão e expansão da economia brasileira. Esta análise nos ajuda a descrever fatos estilizados que permitem avaliar as mudanças na dinâmica do crescimento da produtividade após a última recessão, em comparação com as demais ocorridas no passado.

**Gráfico 1: Taxa de crescimento da produtividade agregada (por pessoal ocupado - em % e em relação ao mesmo trimestre do ano anterior) – Brasil.<sup>4</sup>**

<sup>3</sup>O cálculo de perda acumulada do PIB e do Valor Adicionado já incorpora as revisões feitas na última divulgação das Contas Nacionais Trimestrais, disponibilizada pelo IBGE no dia 3/12/2019.

<sup>4</sup>As áreas sombreadas representam os períodos de recessão. As áreas que não estão sombreadas representam os períodos de expansão.



Fonte: Elaboração IBRE FGV com dados da Pnad e Pnad Contínua.

O primeiro fato estilizado presente no Gráfico 1 é a ocorrência, em todas as recessões, de queda na produtividade por pessoal ocupado. Nota-se que as quedas observadas desde meados da década de 1980 até o início dos anos 1990 foram bem mais intensas que as observadas nas recessões mais recentes. Ao longo da série histórica, o primeiro trimestre de 1992, que marcou o fim de um longo período recessivo, foi o que apresentou maior queda da produtividade, cerca de 8,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Embora tenham ocorrido em menor magnitude, as recessões ocorridas ao longo dos anos 2000 e 2010 também provocaram queda na produtividade do trabalho. Neste período, os trimestres de maiores quedas na produtividade foram o quarto trimestre de 2015, o primeiro trimestre de 2009 e o quarto trimestre de 2001, com retrações de 4,2%, 4,1% e 3%, respectivamente. Diante da perda de dinamismo gerada ao longo das recessões, é natural que haja uma queda da produtividade durante períodos recessivos.

O segundo fato estilizado presente no Gráfico 1 diz respeito ao padrão no comportamento da produtividade do trabalho observado desde o final de 2016, que é muito diferente do observado nos demais períodos de expansão da economia desde a década de 1980.

Com exceção dos dois primeiros trimestres de 2017, em todo o período de expansão após a última recessão o crescimento da produtividade ficou próximo de zero, ou em terreno negativo, como temos visto desde o quarto trimestre de 2018, não havendo sinais claros de uma recuperação robusta como a observada nos

outros períodos de expansão. Em particular, a queda da produtividade por pessoal ocupado no quarto trimestre de 2019 foi de 0,3%, um pouco menor do que a ocorrida no terceiro trimestre de 2019 (-0,5%).<sup>5</sup>

Vale destacar que o crescimento da produtividade no primeiro semestre de 2017 foi fortemente afetado pelo excelente desempenho da agropecuária, cuja produtividade cresceu, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, 30,9% no primeiro trimestre, e 26,4% no segundo trimestre do ano em questão.

Este padrão é diferente do observado nos demais períodos de expansão. Embora alguns trimestres, desde a década de 1980 e início dos anos 2000, tenham apresentado crescimento negativo em períodos de expansão, foi possível perceber uma melhora ao longo desses trimestres, de modo que o crescimento foi ficando cada vez menos negativo, diferentemente do padrão observado na última recessão, em que a produtividade melhorou num primeiro momento, em função do aumento expressivo da produtividade da agropecuária, e depois voltou a piorar, sem apresentar sinais claros de recuperação.

Já nos períodos de expansão ocorridos entre 2003 e 2013, que foram anos de forte crescimento da produtividade do trabalho, a taxa de crescimento da produtividade ficou num terreno positivo e relativamente elevado durante quase todo o período, chegando ao patamar de 6,4% no primeiro trimestre de 2010.

Diante destes fatos, nota-se que houve uma mudança no padrão de comportamento da produtividade após a última recessão em comparação com períodos de recuperação anteriores, principalmente quando comparado com o período de expansão ocorrido entre 2003 e 2013, que foi de forte crescimento da produtividade do trabalho.

Muito se discute sobre as possíveis causas da desaceleração da produtividade desde o fim da última recessão no quarto trimestre de 2016. Uma das possíveis explicações é que o desempenho negativo da produtividade está associado ao forte avanço da informalidade ocorrido desde então.<sup>6</sup>

---

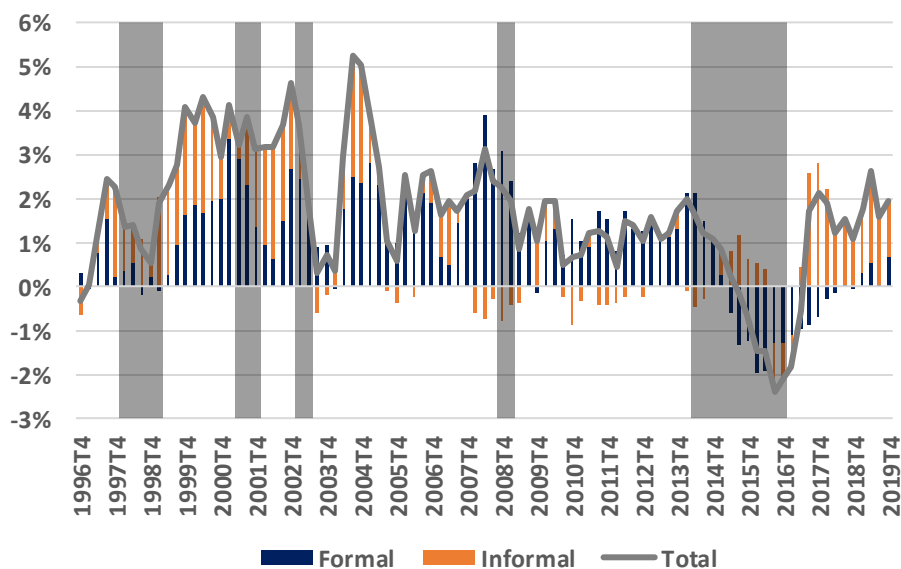
<sup>5</sup>No quarto trimestre de 2019, a queda da produtividade por hora trabalhada, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, ficou próxima de 0,6%. O relatório contendo a análise trimestral dos indicadores setoriais de produtividade do trabalho por hora trabalhada podem ser acessados através do link: [https://ibre.fgv.br/sites/ibre.fgv.br/files/arquivos/u65/indicadores trimestrais de produtividade do trabalho - 4t2019.pdf](https://ibre.fgv.br/sites/ibre.fgv.br/files/arquivos/u65/indicadores_trimestrais_de_produtividade_do_trabalho_-_4t2019.pdf)

<sup>6</sup>Como as empresas formais têm produtividade cerca de quatro vezes maior que a de firmas informais, uma queda da informalidade pode contribuir para o aumento da produtividade. De fato, Barbosa Filho e Veloso (2016) mostram que a realocação do emprego para o setor formal explica cerca de 87% dos ganhos de produtividade da economia brasileira entre 2000 e 2009. Analogamente, um aumento da informalidade pode contribuir para um menor crescimento da produtividade, como no período recente. Ver BARBOSA FILHO, F.; VELOSO, F. "A Contribuição da Formalização para a Elevação da Produtividade do Trabalho no Brasil nos Anos 2000: Uma Análise Exploratória". Barbosa Filho, F.; Ulyseia, G.; Veloso, F. (Orgs). *Causas e Consequências da informalidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, p. 303-325, 2016.

O Gráfico 2 apresenta uma decomposição do emprego entre formal e informal desde meados da década de 1990.<sup>7</sup> Esta análise nos ajuda a descrever fatos estilizados que permitem avaliar as mudanças na composição do emprego após a última recessão, em comparação com as ocorridas no passado.

O primeiro fato estilizado presente no Gráfico 2 que chama a atenção é que, com exceção do período que compreende a última recessão, a taxa de crescimento da população ocupada jamais havia sido negativa em outros períodos recessivos desde meados da década de 1990. Os dados mostram, também, que a redução da população ocupada no decorrer da última recessão ocorreu devido à destruição tanto do emprego formal quanto do emprego informal.

**Gráfico 2: Decomposição do crescimento da população ocupada (em % e em relação ao mesmo trimestre do ano anterior). Brasil.<sup>8</sup>**



Fonte: Elaboração IBRE FGV com dados da Pnad e Pnad Contínua

O segundo fato estilizado presente no Gráfico 2 é que, em geral, em todos os períodos de expansão, após as saídas das crises, houve forte contribuição da formalização para a recuperação do emprego. Este fato fica

<sup>7</sup>Por conta da dificuldade de se obter dados trimestrais de emprego formal e informal na década de 1980, iremos focar a análise desde meados da década de 1990. Consideramos como trabalhadores informais aqueles que trabalharam sem carteira assinada (setor privado, setor público e trabalhadores domésticos), por conta própria e o vínculo de trabalhador familiar auxiliar. Há a possibilidade de considerarmos uma medida mais fina, na qual os trabalhadores que trabalham por conta própria e empregadores sem CNPJ são alocados no emprego informal. Mas estas informações só estão disponíveis, pela Pnad Contínua, desde o final de 2015, impossibilitando a construção de uma série longa. Logo, manteremos a classificação de emprego informal como mencionada inicialmente.

<sup>8</sup>A contribuição da informalidade para o crescimento da população ocupada é definida como o produto entre a taxa de crescimento da informalidade em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e o peso da informalidade no total do emprego.

ainda mais visível entre 2002 e 2014, que foi um período de forte formalização do mercado de trabalho brasileiro.

Desde o final da última recessão, no entanto, a contribuição da informalidade para a recuperação do emprego tem sido extremamente elevada. Apenas no ano de 2019 a contribuição da formalização para o crescimento do emprego foi positiva, mais especificamente no primeiro, segundo e quarto trimestre do ano em questão.

Diante dos fatos apresentados, podemos destacar que o padrão atual de recuperação do mercado de trabalho, através do aumento expressivo da contribuição da informalidade, parece ser diferente do verificado em outros períodos.

Esta mudança no padrão de recuperação do emprego pelo avanço da informalidade pode explicar parte do baixo dinamismo da produtividade do trabalho desde o final de 2016 (conforme apresentado no Gráfico 1). A razão é que, em geral, trabalhadores informais têm qualificação mais baixa e menor acesso a tecnologias e máquinas mais sofisticadas, tornando-os menos produtivos que os trabalhadores formais. Diante disso, o desempenho negativo da produtividade observado após a última recessão pode estar relacionado a esse forte avanço da informalidade observada ao longo dos últimos trimestres.

De fato, segundo estimativas do IBRE, o aumento da informalidade contribuiu com mais da metade da queda de produtividade desde o final de 2014. Esse efeito foi particularmente forte em setores intensivos em mão de obra e caracterizados por informalidade elevada, como os setores de construção e transportes.

O cenário atual não é nada animador. A recuperação da produtividade, do nível de atividade econômica e dos empregos formais só será possível caso o Brasil persista no avanço de uma ampla agenda de reformas.